



1941 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 01 - História da Educação

O CONHECIMENTO DE SI MESMO NA SUMA TEOLÓGICA DE TOMÁS DE AQUINO: ALMA, INTELLECTO E EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE MEDIEVAL DO SÉCULO XIII

Rafael Henrique Santin - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Terezinha Oliveira - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Patrícia Caroline da Rocha Lepriquer Torquato - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Resumo

Este trabalho tem como tema as relações entre alma e educação em uma obra de Tomás de Aquino. O objetivo é analisar o modo como o teólogo dominicano compreende o processo de conhecimento da própria alma como uma das finalidades essenciais do processo educativo. O contexto dessa discussão tomasiana é a Faculdade de Teologia, do século XIII, destinada a formar educadores. Portanto, o problema fundamental de nosso artigo é a relevância desse debate para a formação de professores com vistas a promover o projeto de civilidade em curso para o Ocidente Medieval do século XIII. A fonte para o desenvolvimento desse estudo é a Questão 87 da Primeira Parte da *Suma Teológica*, intitulada *Como a alma humana conhece a si mesma e ao que nela se encontra?* Esse texto faz parte de um tratado sobre o pensamento humano, no qual o autor desenvolve reflexões sobre o ato de pensar. Um dos aspectos da capacidade de pensar é, justamente, conhecer a própria alma, conhecer o princípio do saber. Verificaremos que o conhecimento de si mesmos figura, na obra de Tomás de Aquino, como um alicerce da formação do mestre, por um lado, e como um pilar da Civilização cristã do século XIII, de outro.

Palavras-chave: História da Educação Medieval; Formação docente; Tomás de Aquino; *Suma Teológica*.

Introdução

Este texto tem como tema as relações entre a educação na Cristandade ocidental do século XIII, a formação de educadores e o conceito de alma desenvolvido por Tomás de Aquino. A partir disso, faremos um estudo de algumas reflexões tomasianas acerca da alma, ressaltando suas contribuições para a História da Educação.

Nosso ponto de partida é que os escritos de Tomás de Aquino são relevantes na medida em que tratam de aspectos essenciais do homem, da sociedade e da educação. Além disso, percebemos que há uma relação essencial entre os textos tomasianos e a educação, pois foram produzidas a partir de sua condição de mestre universitário – como é o caso da *Suma Contra os Gentios* e as *Questões Disputadas* – ou para atender a demandas da Universidade – como é o caso da *Suma Teológica* e de *A Unidade do Intellecto Contra os Averroístas*. Desse modo, a leitura das obras tomasianas se configuram como oportunidades formativas a estudiosos da educação de diferentes épocas, pois abordam problemas que, dadas as distâncias espaciais e temporais, são comuns – como o problema da formação docente.

Portanto, nossa intenção é trazer aos nossos contemporâneos um estudo sobre a formação de professores no campo da História da Educação, demonstrado como os homens do passado trataram essa questão tendo em vista a sociedade na qual estavam inseridos. Nesse sentido, pretendemos que nosso estudo contribua para ampliar os horizontes da pesquisa nesse campo, ressaltando que a Idade Média e, particularmente, as obras de Tomás de Aquino, podem servir para compreendermos melhor a dimensão histórica do fenômeno educativo.

A fonte que nós escolhemos para o desenvolvimento deste texto é a Questão 87 da Primeira Parte da *Suma Teológica*, intitulada *Como a alma humana conhece a si mesma e ao que nela se encontra?* Essa obra está dividida em três partes, sendo que a Segunda Parte está subdividida em duas seções. No total, a *Suma Teológica* apresenta 512 Questões, sendo que a Primeira Parte é composta por 119 Questões e abrange três temas: a criação, o anjo e o homem. A Questão 87, que é fonte deste trabalho, faz parte do conjunto de Questões que trata do homem.

A *Suma Teológica* foi iniciada por Tomás de Aquino na década de 1260, quando era mestre *dostudium* de Santa Sabina. O objetivo do teólogo dominicano era apresentar aos estudantes de Teologia todos os principais tópicos dessa ciência, considerando a melhor ordem e o melhor método para estudá-los (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, *Pról.*, [1]). Trata-se, portanto, de uma obra pedagógica, didática. De acordo com Torrell (2004), o autor não chegou a finalizar a obra, ficando a cargo dos alunos de Tomás de Aquino o trabalho de organizar os escritos do mestre dominicano que correspondiam à Terceira Parte e a publicaram. A *Suma Teológica* é considerada pela historiografia como uma das principais obras de Tomás de Aquino, bem como uma das mais importantes obras da Cristandade ocidental (GILSON, 1995; RUSSELL, 2015).

O problema que se coloca para o nosso estudo é como o mestre de Aquino entendia a formação de educadores em sua época, uma vez que a *Suma Teológica* se destinava a esse propósito. Além disso, por que era importante que um futuro mestre de Teologia do século XIII conhecesse os modos que tem a alma de conhecer a si mesma. Enfim, como é possível que a alma conheça a si mesma, na perspectiva tomasiana? Essas três questões guiarão nossas reflexões e esperamos extrair delas algumas lições importantes, a fim de contribuir com a educação do nosso próprio tempo histórico.

Metodologia

Os pressupostos teórico-metodológicos sobre os quais nos pautamos para a análise da fonte são os da História Social, principalmente das obras de Marc Bloch (2001), Lucien Febvre (1985), Claudinei Mendes (2011) e Fernand Braudel (2014). Essas abordagens nos ensinam que precisamos considerar o objeto de estudo segundo uma perspectiva de totalidade, considerando a complexidade inerente à experiência da

sociedade numa época distante da nossa. A História Social pressupõe que o estudo do passado é motivado por questões do presente. Assim, aprender sobre o passado oportuniza momentos de reflexões acerca dos homens e das sociedades em seus aspectos essenciais.

Nessa perspectiva, os conceitos que nos orientam são, fundamentalmente, os de 'História', 'Fonte' e 'Longa duração'. Sobre o conceito de 'História', Febvre (1985) e Bloch (2001) nos ensinam que o objeto próprio do historiador é o conjunto dos homens, isto é, os homens em sociedade. Com efeito, a História é resultado das ações que os homens desenvolvem quando se relacionam para assegurar a própria existência. O homem é entendido, desde os pensadores da Antiguidade, como um animal político, que precisa viver em sociedade para assegurar sua sobrevivência como espécie. O que os homens constroem quando se agrupam em sociedade se torna, ao longo do tempo, História. Daí que só podem existir, segundo Febvre (1985) e Bloch (2001) quando as ações do homem, no tempo, se tornam História, e é a partir disso que podemos, então, aprender com elas. A História, nessa perspectiva, é essencialmente educativa.

E a História, entendida dessa maneira, só pode ser apreendida e se tornar proveitosa para nós por meio das fontes. Sobre o conceito de 'Fonte', concordamos com Mendes (2011), para o qual as fontes, vestígios do passado, só se tornam, efetivamente, fontes de estudo mediante as perguntas do historiador. As fontes, por si, não podem nos ensinar sobre os homens e as sociedades do passado: nós, como historiadores e historiadores da educação, precisamos extrair das fontes o saber de que precisamos. Por isso, o estudo da História é movido pelas questões do presente do historiador, isto é, a depender dos problemas que nos incomodam, procuramos nas fontes algumas respostas que possam nos ajudar a encontrar possíveis soluções – isso para, no mínimo, não cometer os mesmos erros que já cometemos no passado.

O conceito de 'Longa duração' também concorre para fundamentar essa concepção de História. Braudel (2014) afirma que a longa duração talvez seja a 'sabedoria' da História, pois ela implica uma perspectiva pela qual podemos encontrar, no tempo, aspectos essenciais que se conservam e formam as civilizações – algo que a História, em conjunto com as outras ciências sociais, permite fazer numa perspectiva de totalidade. Assim, quando nos organizamos em sociedade, estabelecemos princípios, valores e instituições que, não raro, contêm aspectos que herdamos do passado, mas com objetivos e finalidades distintas. A civilização, nesse sentido, é forjada pelos homens no tempo e é resultado das escolhas que fazemos. E essas escolhas não são feitas *ex nihilo*, ou seja, a partir do nada, mas sim a partir da vivência dos homens do passado. Dessa maneira, um estudo de longa duração no campo da História da Educação tem por objetivo buscar, no passado sobre o que há de essencial no homem e na civilização.

O conhecimento da alma como uma das finalidades da educação na *Suma Teológica*, de Tomás de Aquino

Acreditamos que nosso estudo deva começar com alguns apontamentos sobre o contexto no qual o debate acerca da alma e do intelecto se desenvolve, na Cristandade ocidental do século XIII. Naquela época, os intelectuais vinculados às Universidades debatiam os conceitos de alma e intelecto a partir da interpretação do *De Anima*, de Aristóteles. De um lado, tínhamos os averroístas, que defendiam a existência de um intelecto único na alma intelectual e, a partir disso, concebiam o homem, o indivíduo, como a expressão dessa unicidade. De outro, tínhamos outros intelectuais que procuravam em Aristóteles outra concepção de alma intelectual e, portanto, de homem, segundo a qual cada indivíduo humano seria dotado de um intelecto total, individualizado, pelo qual poderia agir com liberdade e livre-arbítrio. Essas diferentes concepções filosóficas acerca do homem implicavam, então, diferentes concepções acerca da educação, que davam ao Ocidente medieval do século XIII diferentes formas de conceber a formação do mestre, do educador.

Além disso, acreditamos poder aprender com essa discussão que ocorria no seio da Universidade medieval. Em primeiro lugar, vale notar que o debate se dava, na maior parte, no campo da teoria. Evidentemente, é difícil medir as disputas pessoais e as rixas que poderiam acontecer entre os intelectuais medievais, mas os textos que chegaram a nós evidenciam um compromisso por parte desses, em por em disputa suas concepções teóricas, em colocar seus pontos de vista à prova e à análise de seus adversários.

Em segundo lugar, observamos que já no século XIII a alma e o intelecto, isto é, os princípios que nos torna seres racionais, aparecia como um dos principais aspectos da formação do educador. O debate acerca da alma e do intelecto atravessou o tempo e continua, a nosso ver, a ser princípio essencial da formação do professor. Destacamos a existência, nas matrizes das licenciaturas, de componentes curriculares que tem a alma e o intelecto como tema, como Psicologia da Educação e Filosofia da Educação, bem como a previsão de obras de autores que dão diferentes respostas sobre o que é como se desenvolve a aprendizagem e como se constitui a subjetividade, principalmente Freud, Vygotsky e Piaget. Diante disso, não podemos esquecer que somos professores por causa de nossos alunos, de modo que precisamos pensar continuamente nossos cursos de formação de professores. Essa atenção constante é indispensável para que o saber docente não se torne obsoleto, incapaz de responder aos anseios da sociedade na qual vivemos.

As décadas de 1260 e 1270 foram particularmente importantes para a Universidade medieval, pois os debates entre os adeptos do monopsiquismo, como Siger de Brabante e Boécio de Dácia, e os intelectuais que faziam uma leitura menos radical de Aristóteles, como Alberto Magno e Tomás de Aquino, se intensifica. Prova disso é o trabalho de Tomás de Aquino sobre a alma e o intelecto, observável em diversas de suas obras: no Livro II da *Suma Contra os Gentios*, obra finalizada no início da década de 1260; nas *Questões Disputadas Sobre a Alma*, lições proferidas e publicadas no *studium* de Santa Sabina entre 1266 e 1267; nas *Questões Disputadas Sobre as Criaturas Espirituais*, também desenvolvidas em Santa Sabina, mas entre 1267 e 1268; nas duas primeiras Partes (*ST*, I, q. 75-102; *ST*, I-II, q. 1-48) da *Suma Teológica*, obra iniciada na década de 1260 cuja produção seguiu até a década seguinte; e, por fim, em *A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas*, elaborada e publicada em Paris em 1270. Do outro lado, observamos a ascensão do averroísmo em Paris na década de 1270, o que pode ser observado com as publicações do *Tratado Sobre a Eternidade do Mundo* (1271-1272) e do *Tratado Sobre a Alma Intelectiva* (1273-1274), de Siger de Brabante.

Jacques Le Goff (2010), em *Os intelectuais na Idade Média*, resume da seguinte maneira essa disputa, particularmente, entre os mestres dominicanos e os averroístas:

Mas duas tendências se desenham nesse movimento: a dos grandes doutores dominicanos, Alberto Magno e Tomás de Aquino, que querem conciliar Aristóteles e a Escritura; a dos averroístas que, onde vêem contradição, aceitam-na e querem seguir tanto Aristóteles como a Escritura (LE GOFF, 2010, p. 140).

Um certo número de mestres das Faculdades das Artes, à frente dos quais Siger de Brabante e Boécio de Dácia, ensinava as teses mais extremas da filosofia – Aristóteles tornou-se o Filósofo por excelência – interpretadas através de Averroés. Além da verdade dupla, ensinam a eternidade do mundo – que nega a criação –, recusam a Deus como causa eficiente das coisas, aceitam-no apenas como causa final, e lhe negam a presciência dos futuros contingentes. Por fim, alguns – o próprio Siger tem dúvidas quanto a isso – afirmam a unidade do intelecto agente,

Assim, a questão da alma e do intelecto é desenvolvida nesse ambiente de debate entre os diferentes 'leitores' de Aristóteles. Nossa fonte, a Questão 87 da Primeira Parte da *Suma Teológica*, está inserida nesse debate.

O pressuposto a partir do qual o teólogo dominicano procura investigar sobre os modos de alma conhecer a si é, com efeito, o fato de que o homem não partilha o intelecto agente com outros homens. Portanto, Tomás de Aquino defenderá a possibilidade de conhecer a própria alma a partir da ideia de que nós somos dotados de uma alma individual, pessoal. Até porque, se nós partilhássemos um intelecto único, conhecer a própria alma permitiria conhecer, em certa medida, a alma de todos os seres humanos. Isso pode ser verdadeiro, segundo o mestre de Aquino, em relação aos aspectos essenciais, comuns, mas inconcebível se considerarmos o desenvolvimento de cada pessoa em particular, visto que a alma humana é ato que torna viável a vida humana, mas é potencial para tudo aquilo que a caracteriza como criatura espiritual (TOMÁS DE AQUINO, *Sobre as Criaturas Espirituais*, a. 2-11).

Como dissemos no início do trabalho, a Questão 87 da Primeira Parte da *Suma Teológica* faz parte de um tratado sobre o pensamento humano. Esse tratado é regido pela seguinte pergunta: 'como a alma conhece?'. A resposta é dada pelo autor em duas partes: em primeiro, como a alma conhece quando está unida ao corpo e, em segundo, como a alma conhece quando está separada do corpo. O modo como a alma conhece quando está unida ao corpo, segundo o autor, passa por três dimensões: primeiro como a alma conhece o que é inferior a ela, isto é, os seres materiais; segundo, como a alma conhece o que é interior a ela, isto é, a si mesma; terceiro como a alma conhece o que é superior a ela, isto é, Deus e outras criaturas espirituais que independem de corpo, como os anjos.

Tomás de Aquino desenvolve essas reflexões entre as Questões 84 e 89, traçando, dessa maneira, o processo do pensamento humano até o conhecimento do que é considerado mais elevado. Nesse sentido, defendemos que esse processo está relacionado ao método e às finalidades da educação, pois investigar como o homem pensa e conhece o que está ao seu alcance é, também, considerar 'como' ensinar o homem a pensar e conhecer e em 'o que' deve ser ensinado, pensado e conhecido. A própria alma é, nesse contexto, parte do caminho do pensamento e, também, objeto de conhecimento. Vale ressaltar que, quatro séculos mais tarde, isso seria tema das obras de René Descartes e outros teóricos da chamada Revolução Científica do século XVII e, cinco séculos depois, Immanuel Kant também discutiria essa questão, já no contexto do Iluminismo.

A Questão 87 apresenta 4 Artigos. O primeiro questiona se a alma intelectiva conhece a si mesma por sua essência. O segundo investiga se o intelecto conhece os hábitos da alma pela essência deles. O terceiro é dedicado ao problema do conhecimento do intelecto, pelo intelecto, a partir de seu ato próprio. Enfim, o quarto considera se é possível que o intelecto conheça o ato da vontade. Observamos que o primeiro Artigo rege, por assim dizer, os outros três artigos, visto que é nele que o teólogo dominicano define se é possível à alma conhecer a si mesma.

A hipótese apresentada no primeiro Artigo, intitulado *A alma intelectiva conhece a si mesma por sua essência?* é de que a alma intelectiva pode conhecer a si mesmo por meio de sua própria essência. Os argumentos empregados para corroborar essa ideia inicial fazem referência à Agostinho e à Aristóteles, bem como à analogia com os anjos como criaturas espirituais. Já o argumento em contrário cita o *De Anima* de Aristóteles, ressaltando que o intelecto conhece as coisas não pela essência delas, mas pelas 'semelhanças', isto é, pelas formas intelectivas das coisas – o que também valeria para a alma.

Na Resposta ao problema do primeiro Artigo, Tomás de Aquino afirma que o conhecimento é, sempre, do ato, nunca da potência. Isso significa que uma coisa só pode ser objeto de conhecimento na medida em que está em ato. Somente a Deus é possível o conhecimento pela essência, em virtude da natureza perfeita e absoluta Dele, mas no caso da alma humana, que só pode atualizar-se na medida em que se une substancialmente ao corpo, é preciso que o objeto de conhecimento esteja em ato. Conhecer algo em sua essência é conhecê-lo independentemente do movimento que caracteriza a passagem de potência ao ato, o que é impossível à natureza limitada da alma humana.

Além disso, a alma humana é, por natureza, potencial. O intelecto humano, faculdade essencial da alma e que a promove à ato, é possível para todos os inteligíveis e só pode ser conhecida na medida em que se atualiza:

Mas porque é conatural a nosso intelecto, no estado da vida presente, conhecer as coisas materiais e sensíveis, como já dissemos, segue-se que nosso intelecto conhece a si mesmo enquanto é posto em ato pelas espécies que a luz do intelecto agente abstrai do sensível; essa luz é o ato desses inteligíveis e, por seu intermédio, do intelecto possível. Não é, portanto, por sua essência que nosso intelecto se conhece, mas por seu ato (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 1, conc.).

Verificamos que o intelecto humano só pode se conhecer na medida em que conhece os inteligíveis, por meio da ação do intelecto agente, atualizando assim o intelecto possível. Ou seja, nós só podemos conhecer nossa própria alma na medida em que conhecemos o mundo a nossa volta. A educação, portanto, teria uma dupla finalidade: promover o conhecimento da natureza, do homem e da sociedade e, a partir disso, o autoconhecimento do educando.

Esse autoconhecimento, segundo o autor, acontece de duas maneiras. Primeiro, no âmbito particular, quando um indivíduo percebe o próprio ato de conhecer e, a partir disso, percebe a existência da própria alma intelectiva. Segundo, de maneira universal, quando nós consideramos a natureza da alma humana a partir do ato próprio do intelecto. A diferença fundamental entre esses modos de conhecer a alma humana é de método: no primeiro, basta a presença da alma em ato para que o sujeito que pensa e conhece a perceba, mesmo que não tenha noção ampla do que seja o ato de pensar e de conhecer; no segundo, precisa-se da presença, mas, também, "[...] uma busca ativa e penetrante" (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 1, conc.).

Entendemos que o importante para a formação do educador é, justamente, esse segundo modo de conhecer a própria alma. O teólogo dominicano aponta, inclusive, essa falta de conhecimento profundo sobre a alma e o intelecto como a razão pela qual os mestres e estudantes de sua época "[...] se deixam enganar sobre a sua natureza" (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 1, conc.) – dado o debate sobre o averroísmo latino, do qual ele participa ativamente, há razões para que isso seja uma referência aos teóricos averroístas.

Assim, não se trata de um processo de conhecimento da própria alma, naquilo em que se diferencia de outras almas humanas. Para qualquer outro sujeito da sociedade, talvez, essa percepção da própria alma, pela sua presença, seria suficiente, mas não para o futuro mestre em Teologia – que estaria se formando, em última instância, para ser professor. Como responsável pela atualização dos intelectos de seus alunos e, portanto, por cumprir aquela dupla natureza da educação, o educador deveria dedicar-se a essa busca ativa e penetrante pela natureza da alma humana. Tomás de Aquino conclui sua resposta, inclusive, com a explicação de uma citação de Agostinho que ilustra esse processo: "A mente não procura conhecer-se como se estivesse ausente, mas procura em sua presença discernir o que é, isto é, procura conhecer o que a difere das outras realidades, o que é conhecer sua quiddidade e sua natureza" (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 1, conc.).

O mesmo princípio para conhecer a alma pelo seu ato é aplicado, no segundo Artigo, para o conhecimento dos hábitos da alma. Nesse segundo Artigo, intitulado *Nosso intelecto conhece os hábitos da alma pela essência deles?* o mestre de Aquino refuta a hipótese estabelecida no Artigo, afirmando que

O hábito é, de certa forma, intermediário entre a pura potência e o ato puro. Já dissemos que nada é conhecido senão na medida em que está em ato. Portanto, na medida em que o ato se afasta do ato perfeito, nessa mesma medida falta-lhe ser capaz de conhecimento por si mesmo. Entretanto, é preciso que seja conhecido por seu ato, seja quando alguém percebe que possui um hábito porque percebe que produz o ato próprio desse hábito; seja quando alguém busca a natureza e a razão do hábito considerando o ato. O primeiro conhecimento do hábito é obtido pela própria presença do hábito, porque por sua mesma presença causa o ato, no qual é imediatamente percebido. O segundo modo de conhecimento se obtém por uma busca aplicada, como foi dito acima a respeito da mente (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 2, conc.).

Inicialmente, é preciso esclarecer o que Tomás de Aquino entende pelo conceito de 'hábito'. Ele segue Aristóteles e afirma que o hábito é uma espécie de 'segunda natureza', ou seja, o hábito está entre a potência (o que pode ser) e o ato (o que é), de modo que um hábito se configura como uma tendência de uma potência a se atualizar de determinada maneira. Uma pessoa que tem o hábito de praticar exercícios físicos todos os dias não vai, necessariamente, fazer isso todos os dias, mas significa que há uma tendência de ela se organizar para incluir em suas atividades diárias a prática de exercícios físicos. Compreendemos que 'hábitos da alma', nessa Questão 87, esteja relacionado às práticas usuais do pensamento e do conhecimento, ou seja, às nossas tendências epistêmicas, teóricas e éticas em relação à natureza, ao homem e à sociedade – o que fica claro na resposta dada por Tomás de Aquino à segunda objeção, na qual afirma que os hábitos "[...] estão presentes no intelecto como princípios pelos quais ele conhece" (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 2, resp. 2).

Da mesma maneira que para conhecer a alma é preciso esforçar-se para chegar à sua natureza por meio de seu ato, para conhecer os hábitos da alma é preciso analisá-los a partir de seus atos. Assim, conhecer os hábitos da alma significa conscientizar-se de nossa segunda natureza, algo que parece ser necessário à formação do mestre.

O ato de ensinar é, como toda ação humana, um ato pensado. Como ato pensado, deriva da atualização das potências da alma e, também, de seus hábitos. Nesse sentido, seguir os hábitos da alma relacionados à atividade de ensinar, no caso do ato docente, significa seguir tendências que fazem parte da 'segunda natureza' do ser professor. Portanto, investigar os hábitos da alma, dentre os quais os hábitos relacionados à atividade de ensinar, seria tomar consciência da própria atividade, torna-la uma ação consciente e passível de planejamento e controle – ainda que não seja possível controlar todas as variáveis, deve-se estar atendo ao maior número possível dessas variáveis.

Depois do problema acerca do conhecimento dos hábitos da alma, o teólogo dominicano reflete, no terceiro Artigo, se o intelecto pode conhecer seu próprio ato. Verificamos que o autor retoma o que já afirmou nos Artigos anteriores, considerando que não só o intelecto pode conhecer seu próprio ato, como isso é o que primeiro o intelecto conhece a respeito de si mesmo. Isso significa que conhecer o ato do intelecto é o princípio do conhecimento acerca da própria alma.

A Questão 87 é concluída por Tomás de Aquino com um problema que nos parece essencial e que coroa, por assim dizer, esse debate sobre o conhecimento da própria alma e a necessidade desse saber para a formação docente. Intitulado *O intelecto conhece o ato da vontade?*, o quarto Artigo discute a possibilidade de conhecer o ato da vontade, isto é, o ato de querer a partir das formas inteligíveis – o que dá ao homem a condição de ser livre. Na conclusão do Artigo, o teólogo afirma que "O intelecto, portanto, conhece o ato da vontade, não só enquanto alguém percebe que quer, mas também enquanto alguém conhece a natureza desse ato e, por conseguinte, a natureza de seu princípio, que é um hábito ou uma potência (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 87, a. 4, conc.).

Percebemos que o ato da vontade pode ser conhecido e, além disso, que conhecer o ato da vontade significa identificar racionalmente o seu princípio – as potências e os hábitos que fazem o homem agir dessa ou daquela maneira. Desse modo, conhecer o ato da vontade permite uma análise mais profunda da própria alma, na medida em que promove uma compreensão acerca dos fundamentos da ação humana. Isso não quer dizer, porém, que é possível ou impossível ter consciência absoluta dos atos da vontade – não é esse o foco do debate –, mas sim, que a ação humana tem certo grau de previsibilidade, algo que é imprescindível ao educador em suas escolhas profissionais. Para o mestre em Teologia que vivia na Cristandade ocidental do século XIII, essa percepção parecia ser indispensável: para lidar com a diversidade de ideias que circulava na Universidade medieval e participar, escolasticamente, dos debates, era preciso conhecer os fundamentos da ação humana e preparar-se para se posicionar.

Com isso, Tomás de Aquino finaliza a Questão 87, deixando aos seus alunos algumas lições essenciais sobre o conhecimento da alma, bem como sobre o ato de ensinar. Observamos que essa parte do processo de pensamento humano decorre do primeiro passo, isto é, do conhecimento das coisas, e é princípio para o conhecimento daquilo que é mais elevado. Portanto, é necessário que todo sujeito se dedique, de alguma maneira, ao conhecimento de si mesmo sob pena de não realizar seu itinerário de retorno ao Criador. Essa necessidade configura o conhecimento de si mesmo, da própria alma, como uma das finalidades da educação, na perspectiva do teólogo dominicano.

Conclusões

Verificamos nesse estudo, que a Questão 87, intitulada *Como a alma intelectual conhece a si mesma e ao que nela se encontra?* é parte de um tratado sobre o pensamento humano, cujo objeto é o processo mental do homem. Esse processo começa com o conhecimento possível à alma unida ao corpo, chegando até o conhecimento possível à alma separada do corpo. No que diz respeito ao saber possível, quando a alma está unida ao corpo, isso começa com o conhecimento das coisas materiais, passando pelo conhecimento de si mesmo e termina com o conhecimento do que é superior. Nesse sentido, o conhecimento de si mesmo é uma das etapas de todo o processo mental do homem.

Além disso, esse conhecimento de si mesmo só se torna viável mediante a atualização do intelecto, ou seja, mediante o conhecimento das formas inteligíveis. Por meio do estudo e da reflexão, sobre o que existe, nós podemos perceber nossa própria alma e, a partir disso, analisá-la mais profundamente.

Em outro texto, *De Magistro*, Tomás de Aquino argumenta que o homem pode ser considerado mestre, na medida em que é capaz de promover o desenvolvimento do intelecto de outrem. Assim, o ato de ensinar tem como objetivo a atualização do intelecto por meio de determinadas ações do mestre, que culminam no processo de aprendizagem decorrente de determinadas ações do aluno. Ao fazer isso, o mestre estará promovendo o conhecimento das coisas por parte daquele que ainda não as conhece em ato. Na medida em que conhece, o aluno se torna apto a refletir sobre si mesmo. Portanto, o conhecimento da própria alma se configura, em nosso entender, como uma

finalidade da educação, enquanto desdobramento do conhecimento das coisas (aprendizagem), de modo que o mestre deve se preocupar com esse processo quando pensa suas ações de ensino.

Assim, ressaltamos a importância desse debate no contexto da Cristandade ocidental do século XIII porque consideramos que Tomás de Aquino afirma, nessa Questão 87, que a incompreensão acerca da natureza do intelecto deriva da ignorância que se tem sobre a própria alma. Nessa perspectiva, os averroístas, grupo de intelectuais que procuravam entender Aristóteles por meio da interpretação de Averróis, defendiam a tese do intelecto único para todos os homens (teoria do monopsiquismo) porque ignoravam o funcionamento da própria alma. Para corrigir essas distorções, o teólogo dominicano propõe o conhecimento de si mesmo como um passo importante do processo mental do homem, relevante para todas as pessoas e indispensável para alguns sujeitos cujo trabalho consistia, basicamente, em estimular o desenvolvimento das almas – mestre e pregadores.

Referências

Fontes

TOMÁS DE AQUINO. **Questão disputada sobre as criaturas espirituais**. São Paulo: É Realizações, 2017.

TOMÁS DE AQUINO. Prólogo (ST, Pról.). In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. p. 135, v. I.

TOMÁS DE AQUINO. Como a alma intelectiva conhece a si mesmo e ao que nela se encontra? (ST, I, q. 87). In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 552-562, v. II.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios, II**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

TOMÁS DE AQUINO. Sobre o ensino (De Magistro). In: TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (De Magistro), os sete pecados capitais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 3-62.

TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto contra os Averroístas**. Lisboa: Edições 70, 1999.

Estudos

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

GILSON, É. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, J. **Os Intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

MENDES, C. M. M. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. **Acta Scientiarum**. Education, v. 33, n. 2, 2011, 205-209. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/14174>>. Acesso em 15 mar. 2017.

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Livro 2: a filosofia católica).

TORRELL, J.-P. **Iniciação à Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Loyola, 2004.

[1] As referências às obras de Tomás de Aquino serão feitas de acordo com as normas consagradas pela tradição, que apresentam dados suficientes para consulta a qualquer edição das obras do teólogo dominicano. Assim, serão destacados o nome do autor, a obra da qual a citação foi extraída e os capítulos, parágrafos e questões correspondentes.

